

XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Tema central: Ensino e Pesquisa em Comunicação

5 a 9 de setembro de 2005

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A Voz do Morro – primeiro jornal popular das favelas brasileiras.¹

Autora: Regina Gloria Nunes Andrade

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Professora Titular do Programa de Pós graduação em Psicologia Social .

Co – autora: Tereza Cristina Eustáquio da Silva

da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Mestranda do Programa de Pós graduação em Psicologia Social.²

RESUMO

Este trabalho é um estudo do jornal A Voz do Morro publicado desde 1935, na comunidade da Mangueira,-- Rio de Janeiro que divulga as manifestações culturais comunitárias. Em formato tablóide de 8 páginas, hoje o jornal é mensal, gratuito e tiragem de 5.000 exemplares. Aplicamos o método de Pierre Bourdieu para marcar o campo social e teoricamente estudamos o imaginário social. Esse jornal vem carregado de simbolismos, folclore e os traços específicos da comunidade.

Palavras chaves: folkcomunicação; jornal comunitário; imaginário social.

¹ Trabalho apresentado ao NP 17 Folkcomunicação, Coordenador: Prof. Dr. Sebastião Geraldo Breguez (UFV-MG)

² REGINA GLORIA NUNES ANDRADE é professora Titular do Programa de Pós Graduação de Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro , Doutora em Comunicação Social, autora do livro Personalidade e Cultura , 2003, Editora REVAN e participante das Reuniões da FOLKCOMUNICAÇÃO reginagna@terra.com.br. TEREZA CRISTINA EUSTÁQUIO DA SILVA, é formada Graduada em Comunicação Social e Orineta da Profa. Regina Andrade e Mestranda do Programa de Pós Graduação de Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro tereza.Cristina@elo.com

O jornal A Voz do Morro tem como objetivo, desde 1935, dentro da comunidade da Mangueira, divulgar as manifestações culturais comunitárias, registrar sua atualidade e resgatar fatos e acontecimentos típicos do morro da Mangueira. Em formato tablóide de 8 (oito) páginas, o jornal é mensal, com distribuição gratuita e tiragem de 5.000 (cinco mil) exemplares.

Jota Efege conta que foi num almoço em homenagem ao Marrom (Luiz Correia de Barros), repórter carnavalesco, em que estavam presentes Saturnino Gonçalves (o então presidente do GRES Estação Primeira, de Mangueira), Júlio Moreira, Cartola, Zé com Fome, Carlos Cachaça e outros sambistas, que surgiu a idéia de se publicar um jornal da Mangueira. A idéia acabou se realizando em março de 1935, quando saiu o primeiro número de A Voz do Morro.

Assim, acabou cabendo ao presidente da Mangueira, Saturnino Gonçalves, a primazia da criação do primeiro jornal popular das favelas brasileiras. Seu jornalista responsável foi justamente Luiz Correia de Barros, o Marrom, o homenageado do almoço evocado por Jota Efege..

Pelo jornal, além dos poetas da comunidade da Mangueira, como Carlos Cachaça e Cartola, passaram também os cronistas Francisco Guimarães, o popular Vagalume (autor do antológico Na Roda do Samba), o jornalista e compositor Orestes Barbosa (co-autor de Chão de Estrelas), o próprio Jota Efege (sem dúvida, o mais conceituado entre os cronistas carnavalescos), o escritor que assinava com o pseudônimo K. Peta e, mais recentemente, o poeta Carlos Drummond de Andrade e o jornalista Tim Lopes.

De Drummond, aliás, A Voz do Morro publicou em 1986 um poema dedicado à Mangueira. Chama-se “Mangueira Desfila” e diz assim:

A nação mangueirense, essa nação
Alti e pobre, toda musical,
Que vem de muito longe, antes do samba,
E no samba se fazem nacionais.
Este é Cartola, tímido e divino,
Dizendo adeus a amores já passados,
Saudando amores novos e florentes.
Vêm Maçu, Juvenal e Saturnino,
Nélson Sargento, Padeirinho, Cícero,
Carlos Cachaça, Zé com Fome, Boco

Pelado, Alfredo Português tão nosso,
 Mestre Candinho, Hermes vereador!
 Todos vão desfolhando a rosa verde,
 Mais trescalante do que a manga-rosa.
 (Ó mestre-sala, lírica invenção
 de Estação Primeira entre as primeiras!)
 Um grupo valoroso de mulheres
 Passa, e refulge sua tradição:
 Tia Tomásia, dama de Arengueiros,
 Dona Neuma Gonçalves, Dona Zica
 Moquequeira sublime, Dona Miúda
 Rainha negra, das frutas e do forno,
 Outras mais, outras mais... Doce desfile,
 Alma do Carnaval aberta em flor!

Esse texto tenta compreender como a comunidade do morro da Mangueira, no Rio de Janeiro, mantém uma relação estreita com a comunicação, desde aqueles tempos pioneiros do primeiro jornal, até esses dias atuais, de mídia digital e realidade virtual, tanto interna quanto externamente, fazendo da utilização da ferramenta comunicacional o seu grande diferencial com relação a outras comunidades também ligadas ao samba e igualmente situadas na periferia e nos subúrbios da cidade.

Com um detalhe: o fato de ter se adaptado ao manuseio da Internet, do walkie-talkie e das centrais de telefonia, não afastou a comunidade daquela antiga realidade feita de arquivos de aço, papéis amarelados pelo tempo, telefone comunitário, nem daquele simbólico e emblemático jornal, hoje transformado em revista e impresso a cores e publicado bimestralmente com o mesmo nome que décadas depois inspirou o samba mais famoso de Zé Kéti, da co-irmã Portela:

Eu sou o samba
 a voz do morro sou eu mesmo sim senhor
 quero mostrar ao mundo que tenho valor
 eu sou o rei do terreiro
 eu sou o samba
 sou natural daqui do Rio de Janeiro
 sou eu quem levo a alegria
 para milhões de corações brasileiros
 salve o samba, queremos samba
 quem está pedindo é a voz do povo de um país
 salve o samba, queremos samba
 essa melodia de um Brasil feliz.

(*A voz do morro* - Zé Kéti, 1964)

Jornal – A Voz do Morro.

Samba...
 Expressão musical da Cidade Maravilhosa
 Samba...
 Lamento de uma dor que mora n' alma
 Samba...
 Exaltação da mulher que se traz no coração.

É assim que começa o número 1 do jornal *A Voz do Morro*, “órgão oficial da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira”, editado em março de 1935. Este foi o primeiro órgão de comunicação vinculado a uma comunidade do subúrbio do Rio de Janeiro que se conhece. Editado por Luiz Correia de Barros, o Marrom, o jornal foi uma iniciativa da gestão do primeiro presidente e um dos fundadores da escola, Saturnino Gonçalves, pai de Dona Neuma.

Seu editorial define a publicação:

a cidade na sua feérie de luz, com a elegância dos que nela imperam, vai quedar extasiada quando o nosso jornalzinho lhe surgir aos olhos acostumados aos magazines de luxo e jornais gritantes e dominadores. Há de lhe causar dúvidas que estas páginas hajam descido os caminhos íngremes do morro de Mangueira ao lado dos sambas que ela canta entusiasta e folgazã na avenida repleta, glorificando o deus da galhofa. Mas, a sua identidade se estabelecerá de pronto, pois que elas não lhe falarão dos sambas dedilhados em pianos caros, mas só e unicamente do samba pobre e espontâneo que ecoa no barracão como um hino fácil. E aqui está, trazida pela Estação Primeira, a escola campeã, a imprensa do morro. Não estará nos salões do mundanismo. Não será acolhida nos clubes onde o champanha espoca... Não veio de casaca, não envergou um smoking. Veio de camisa listrada e trouxe debaixo do braço um pandeiro...(A Voz do Morro,1935).

Se o imaginário social se compõe de relações que mexem com a memória afetivo-social de uma cultura, se é uma produção coletiva, em que a família e os grupos que a formam recolhem e depositam sua integração com o cotidiano, esse editorial inaugural vem carregado dos simbolismos que marcam a comunidade: “*caminhos íngremes do morro de Mangueira*”, onde nasce “o samba pobre e espontâneo” que “veio de camisa listrada e trouxe debaixo do braço um pandeiro...”.

Aí está a percepção que a comunidade tem de si mesma, em oposição a um mundo de “feérie de luz” em que reinam “pianos caros (...) onde o champanha espoca”. Como

explica Bronislaw Baczko, o que se percebe no texto é que, por meio do imaginário, aqueles pioneiros podem realizar suas aspirações, enfrentar seus medos e manter vivas as esperanças de toda a comunidade.

Ao definir sua identidade e seus objetivos, o editorial detecta seus “inimigos”, dando certa ordem ao passado, ao presente e ao futuro dos mangueirenses. Como o imaginário social expressa-se por ideologias e utopias, além de símbolos, alegorias, rituais e mitos, vê-se no texto que a comunidade sempre se julgou depositária das melhores tradições da cultura popular carioca. O jornal lançado em 1935, como “órgão oficial” da instituição criada em 1928, já surge como um defensor das tradições. E convém lembrar que, segundo Bakhtin (1987), o carnaval “é um espaço privilegiado para a celebração das origens”.

Na prática, essa defesa das tradições (“celebração das origens”) ficará na dependência do que Baczko chama de *comunidade de imaginação* ou *comunidade de sentido*. São as imagens que vão determinar o significado imaginário, carregado de referências simbólicas, daquilo que o editorial afirma. Ainda recorrendo a Baczko, pode-se concluir que a imaginação é um dos modos pelos quais a consciência apreende a vida e a elabora.

Em seu primeiro número, *A Voz do Morro* faz ainda uma homenagem a Cartola (Angenor de Oliveira), cita Carlos Cachaça (Carlos Moreira de Castro) como “uma de nossas esperanças” e contém artigos dos cronistas carnavalescos K. Peta (*A origem do samba*) e Jota Efegê (*O que eu gosto*). Como diz Barbero, sente-se na edição “uma demanda de mitos e de heróis”, até por que:

Se uma mitologia funciona é porque dá respostas a interrogações e vazios não preenchidos, a uma demanda coletiva latente, por meios e esperanças que nem o racionalismo na ordem dos saberes, nem o progresso na dos haveres, tem conseguido extirpar ou satisfazer. (...) Eis aí, segundo Morin, a verdadeira mediação, a função de meio, que cumpre dia a dia a cultura de massa: a comunicação do real com o imaginário. (Barbero, 1997: 83)

Portanto, se há uma auto-afirmação naquela histórica edição de *A Voz do Morro*, é por que as trocas entre o real e o imaginário, ainda segundo Barbero, “proporcionam apoios imaginários à vida prática e pontos de apoio prático à vida imaginária” (idem,82). Não obstante, o jornal só chegou ao segundo número em 1986, mais de 50 anos depois, na gestão de Carlos Alberto Dória, editado por Arthur de Oliveira (Arthur Loureiro de

Oliveira Filho), pesquisador, escritor, compositor, ex-professor de literatura no Colégio Pedro II, violonista e cavaquinhista.

Saturnino tem a glória de ser o criador do primeiro jornal popular das favelas brasileiras, fato registrado por Marco Morel em seu livro *Jornalismo popular nas favelas cariocas* (Rio Arte, 1986). Depois desse primeiro número, o jornal entrou em recesso por 51 anos. Desta vez, a honra da ressurreição coube ao presidente Carlos Dória, em cuja gestão saíram os números 2, 3 e 4. Antes mesmo de ser empossado, Dória convidou a professora e pesquisadora Marília Barboza para ser a diretora do Depto. Cultural e começou, com ela, a planejar as realizações futuras na área da cultura. Foi Marília, então, quem me chamou para editar o jornal, junto com ela.³

Também em parceria com Marília Trindade Barboza, sua ex-aluna no Colégio Pedro II, e ex-presidente do Museu da Imagem e do Som, Arthur escreveu: *Fala, Mangueira*, uma reportagem sobre a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, que contou com a colaboração do compositor Carlos Cachça (o compositor assina com os pesquisadores a autoria do livro, publicada pela Livraria José Olympio Editora).

Convidado para prefaciar o livro, o compositor Cartola revelou aos dois pesquisadores que adoraria ter um livro daqueles sobre ele próprio. Arthur de Oliveira e Marília Barboza não perderam tempo e escreveram *Cartola, os tempos idos*, livro premiado pela Funarte, mas concluído somente após a morte do compositor, em 1981.

Ainda com Marília Barboza, Arthur assinou os dois primeiros enredos da escola de samba mirim Mangueira do Amanhã. Como compositor, é parceiro de Cartola, Nelson Sargento, Délcio Carvalho e Wilson Moreira, dentre outros. Pouco antes de morrer, Cartola mostrou-lhe a primeira parte da composição que se tornaria *Vem* e disse que se sentiria honrado em tornar-se parceiro dele. A música seria futuramente gravada por Elizeth Cardoso.

Essa trajetória explica por que, durante cerca de dois anos, coube a Arthur de Oliveira coordenar a publicação do jornal *A Voz do Morro*.

Depois de um novo hiato, o jornal só chegaria ao número 5 em fevereiro de 1996, na primeira gestão de Elmo José dos Santos, preservando suas características originais:

A orientação de Marília Barboza era de manter o mesmo 'lay-out' e a mesma filosofia adotada pelos pioneiros Saturnino, Marrom e equipe. O jornal aborda sempre assuntos da

³ Entrevista em 11/02/2005.

escola, do mundo do samba, da cidade. Além disso, inclui sempre uma parte de cultura geral. O número 1 publicava versos de Jota Efegê, exatamente como o número 9 transcreve um poema de Carlos Moreira de Castro, o Carlos Cachaça.⁴

A “orientação” confirma que o imaginário social não é mais uma ficção da vida material. Pelo contrário, é perceptível em todos os aspectos da vida social. Nada escapa à sua influência – e mesmo numa instituição dita da cultura popular há perfeita consciência do que ele significa e de como age. Segundo Baczko pode-se admitir que uma “atitude técnico-instrumental” (o jornal) venha a colocar o imaginário a serviço de uma “razão manipuladora” (as diretrizes da então diretoria).

É o que se vê, também, quando a professora Teresinha Labruna utiliza textos de *A Voz do Morro* como leitura para-didática no CIEP (Centro Integrado de Educação Pública) Nação Mangueirense. Com eles, não apenas a comunidade inteira-se da sua própria cultura, que se espalha através da música, do samba, dos poetas e da própria mídia que leva essa cultura para o asfalto, como se reforçam as imagens e os simbolismos que regem o imaginário social.

Um bom exemplo de como isso acontece está nas palavras do presidente da escola, Álvaro Luiz Caetano, o Alvinho, compositor de sambas-enredo como *100 anos de liberdade – realidade ou ilusão?* (1988), *E deu a louca no barroco* (1990), *As três rendeiras do Universo* (1991) e *Se todos fossem iguais a você* (1992 todos com Helio Turco e Jurandir).

A entrevista a seguir foi realizada quando ele tinha acabado de chegar do enterro de um outro grande mangueirense, o Comprido, cujo nome verdadeiro era Anésio dos Santos, falecido de enfarte aos 76 anos. Estávamos no barracão da Mangueira, na Av. Rodrigues Alves, e o presidente, portanto, tinha ido prestar a última homenagem a um dos baluartes da Escola, aquele seletivo grupo de veneráveis componentes que servem de exemplo e bússola para as novas gerações.

Comprido assinou diversos sambas-enredo da verde-e-rosa: *Gonçalves Dias* (com Lelé e Zagaia, 1958), *Casa grande & senzala* (com Lelé e Zagaia, 1962), *História de um preto-velho* (com Pelado e Hélio Turco, 1964), *IV Centenário* (com Pelado e Helio Turco,

⁴ In *A Voz do Morro* nº 9, de outubro de 1996, pág. 4.

1965), *De Nonô a JK* (com Jurandir e Arroz, 1981), *Yes, nós temos Braguinha* (com Jurandir, Arroz, Jajá e Helio Turco, 1984).

O simbólico que marca o início da entrevista com o presidente é exatamente o fato de que ele jamais deixou de ser o Alvinho compositor, representante vivo do folclore do morro, encontrável nas rodas de samba sob o viaduto da Mangueira, embora esteja agora sendo entrevistado no ambiente refrigerado da sala da presidência. É por isso que, nos ensaios, não é raro vê-lo misturar-se aos ritmistas, apossando-se de algum dos instrumentos de percussão:

- Jamais deixei de ser aquele sujeito simples, nascido na Candelária, que se tornou sargento do Exército e serviu na Amazônia. Se alguém, anos atrás, dissesse que eu acabaria presidente da Mangueira, eu diria que era louco. Só que as coisas foram acontecendo e, quando vimos, o caminho já não tinha volta.⁵

Simple como era, por exemplo, Nininha Xoxoba, ex-porta-bandeira da escola e uma das figuras mais emblemáticas da comunidade durante décadas percorrendo um caminho que aponta para todo o folclore do Carnaval. Por causa do hábito de cantar logo de manhã, com voz poderosa, Cartola dizia que ela era “*o despertador do morro*”. Falecida em 14 de fevereiro de 1996, Nininha é mais uma das demonstrações indiscutíveis do relacionamento da comunidade com outros segmentos da sociedade carioca.

Helio Oiticica, por exemplo, adorava o seu jeito singular. Um dos nomes mais importantes da vanguarda das artes plásticas no Brasil, Helio homenageou-a com uma capa da revista Parangolé. A morte de Nininha coincidiu com a publicação de uma matéria do poeta Wally Salomão (O Globo, 18/02/96) chamada A Geração Parangolé, que incluía uma homenagem à ela.

Vanguarda e tradição, como se vê, estão juntas nessa trajetória comunicacional da comunidade mangueirense. E sobre o relevo do trabalho de Oiticica (1939-1980) diz bem o crítico Mário Pedrosa:

“A beleza, o pecado, a revolta, o amor dão à arte desse rapaz um acento novo na arte brasileira. Não adiantam admoestações morais. Se querem antecedentes, talvez este seja um: Hélio é neto de anarquista.” (“Arte ambiental, arte pós-moderna, Hélio Oiticica”, Correio da Manhã, 26/06/1966).

⁵ Entrevista em 4/1/2005, no barracão da Mangueira.

A partir de 1964, Helio Oiticica passou a viver no morro de Mangueira, levando o samba e a favela para o museu. Um ano depois, em uma manifestação repleta de Parangolés (expostos neste momento pela primeira vez), na inauguração da exposição Opinião 65, no MAM-RJ, ele buscou “*a tentativa de real democratização das artes brasileiras, com a união da cultura popular com a erudita*”.

Numa época em que se entrava de terno e gravata nos museus, o artista acabou expulso do interior do MAM-RJ durante a manifestação.

“Foi durante a iniciação ao samba, que o artista passou da experiência visual, em sua pureza, para uma experiência do tato, do movimento, da fruição sensual dos materiais, em que o corpo inteiro, antes resumido na aristocracia distante do visual, entra como fonte total da sensorialidade”. (Mário Pedrosa, artigo já citado, Correio da Manhã, 26/06/1966)

A Mangueira, já aceita pelos intelectuais e escritores, ganha com Oiticica seu ingresso também nas vanguardas.

BIBLIOGRAFIA

ALBIN, R. C. - *Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: edição eletrônica (Internet)

ANDRADE, R. *Personalidade e cultura - Construções do imaginário*. Editora Revan, Rio de Janeiro, 2003.

BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento - o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC/Editora UnB.1987

BACZKO, B. *Imaginação social*, in Enciclopédia Einaudi, vol. 5, Portugal. 1985.

BOSI, E. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*, 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz/Ed. da USP, 1987

BOURDIEU, P. *Razões Práticas: sobre a Teoria da Ação*, Campinas, Papirus, 1996
 _____ *Cosas Dichas*. Buenos Aires, Gedisa, 1988
 _____ *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998

CABRAL, S. – *Mangueira - A Nação verde e rosa*. Rio de Janeiro : BM&F, 1998.

CASTRO, L. (organização) - *CAMP Mangueira: uma escola de cidadania*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

CANDAU, J.- *Mémoire et identité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9ªed. 2004, Rio de Janeiro: DP&A.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. (L. L. Schaffter), São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWN, E. *A invenção das tradições*. SP: Paz e Terra, 1997.

HUNT, L A *Nova História Cultural*.São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, J. - *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

MOURA, R. M. – *No principio era a roda*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2004.

SILVA, M.T. B.e Arthur L. Oliveira Filho – *Fala Mangueira*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1980.

_____ - *Cartola, os tempos idos*. São Paulo, Gryphus, 2003.

SODRÉ, M. *Reinventando a cultura – a comunicação e seus produtos*, Petrópolis, Vozes, 1996.

MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações - comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MATTELART, A. *A comunicação do mundo, história das idéias e das estratégias*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MATTELART, A. e M. *História das teorias da comunicação*, traduzido por Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola,1997.

MORAES, D. (org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

PAULINO, F. *Do Country Club à Mangueira*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2003.

HEMEROGRAFIA

Jornal

A Notícia, Joinville, 19/07/2002.

Correio Brasiliense, 19/06/2002.

Estado de São Paulo, SP, 18/06/2002.

Folha de São Paulo, SP, 18/06/2002.

Folha Online – Especial 2002.

O Dia, RJ, 18/02/2005.

O Globo, coluna “Gente Boa”, 06/12/2004.

Tribuna da Imprensa, RJ,15/08/2003.

Entrevista com Bira Show em 2004 na quadra da Mangueira.

Entrevista com Nilcemar Nogueira em 2004, no Centro Cultural Cartola.

